

O ENSINO DA FALA PÚBLICA NA VISÃO DE PROFESSORES DE CURSOS DE LICENCIATURA

THE TEACHING OF PUBLIC SPEAKING IN THE VIEW OF LICENSING COURSE PROFESSORS

Larissa Abreu do Nascimento¹
Francisco Vieira da Silva²

RESUMO: O presente artigo tem como intuito analisar a visão de professores de diferentes áreas das licenciaturas sobre a oralidade na universidade, especificamente no que se refere à fala pública. O referencial teórico reside em Marcuschi (2007) e Forte-Ferreira (2014). Para tanto, estudou-se a resposta fornecida a três perguntas do *corpus* de Forte-Ferreira³. A pesquisa mostrou que ainda existe uma lacuna a ser preenchida sobre como trabalhar com a oralidade na sala de aula, além da necessidade de refletir sobre formas de preparar os alunos para os mais variados contextos da fala.

Palavras-chave: Oralidade. Fala pública. Formação docente.

ABSTRACT

The article aims to analyze how professors from different licentiate courses programs view orality at university, specifically about public speaking. The theoretical reference resides in Marcuschi (2001) and Forte-Ferreira (2022). To this purpose, the answers given to three questions in Forte-Ferreira's (2022) corpus were studied. The research showed that there is still a gap to be filled on how to work with orality in the classroom, as well as the need to reflect on ways to prepare students for the most varied speaking contexts.

Keywords: Orality. Public speaking. Teacher training.

1 INTRODUÇÃO

Observando o cenário acadêmico atual, é perceptível encontrar muitas dificuldades relacionadas à fala pública, enfrentada pelos alunos da universidade, como insegurança na hora de apresentar um seminário, ansiedade e nervosismo. Com isso, os alunos se sentem muito despreparados para apresentar trabalhos que envolvem a

¹ Graduanda em Letras – Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: abreu.larissa.05@gmail.com.

² Professor do DLCH da Universidade Federal do Semi -Árido (UFERSA). E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

³ *Corpus* de pós doutoramento de Elaine Cristina Forte-Ferreira, desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora, entre 2021 e 2022, sob supervisão da profa. Dra. Tânia Magalhães.

oralidade, mas é uma questão que vem antes de chegar à universidade, pois alguns deles não têm acesso ao ensino sistematizado da oralidade na escola, especificamente, da fala pública e, justamente, por isso, ocorre essa estranheza no âmbito acadêmico.

Para defender o que se menciona acima, traz-se a reflexão de autores que discutem sobre a falta do ensino da oralidade no espaço de ensino, destacando que existe um espaço pequeno quando o assunto é o ensino da oralidade. Conforme Dolz, Schneuwly e Haller (2010, p. 125), “afirma-se frequentemente que ela não é ensinada, a não ser incidentalmente durante atividades diversas e pouco controladas. O ensino escolar da língua oral e de seu uso ocupa atualmente um lugar limitado”.

Pensando nisso, em um primeiro momento, essa pesquisa justifica-se porque busca discutir e analisar como professores de diversas áreas das licenciaturas trabalham a fala pública na academia, com os seus alunos, para a atuação profissional desses futuros docentes. Tendo em vista que há cada vez mais estudos voltados para temática da oralidade, preocupados com o ensino dos gêneros dessa modalidade estão sendo abordados no âmbito acadêmico.

Ainda com esse pensamento, reflete-se aqui com alguns autores que amparam a nossa pesquisa, como Marcuschi (2007), que é considerado um dos grandes nomes, quando o assunto é oralidade, bem como Magalhães (2019) e Forte-Ferreira (2014), que vem discutindo sobre a questão da oralidade.

Assim, este trabalho tem como intuito de analisar como professores de diversas áreas das licenciaturas sugerem trabalhar a fala pública na academia, com os seus alunos, para a atuação profissional desses futuros docentes. Com isso, traça-se uma trajetória, desde o que é oralidade e como ela é ensinada dentro de sala de aula pelos professores. Nessa perspectiva, faz-se uma avaliação desse objeto de ensino e dos conceitos fundamentais para essa pesquisa ser desenvolvida no campo docente.

Seguindo por esse viés, a construção do objeto de pesquisa deu-se por meio de uma disciplina que paguei no primeiro semestre do curso, Introdução aos Estudos Linguísticos I, na qual tive a oportunidade de refletir sobre a temática oralidade e isso despertou curiosidade e vontade de conhecer mais profundamente, tendo em vista as dificuldades vivenciadas enquanto aluna do ensino fundamental e médio, período em que não eram presentes estudos voltados para o ensino de gêneros orais.

Na realidade, como foi mencionado, não houve momentos dedicados ao ensino da oralidade, o que se via eram as tentativas de pedir um seminário, por exemplo, mas não tinha sua explanação, ou seja, sua finalidade não era repassada. Esses percalços geraram

muitas dificuldades e problemas no que diz respeito à segurança da fala, não só minha, como de vários colegas que tinham receio de apresentar trabalhos que envolvessem a fala pública.

Então, um dos principais motivos para trabalhar com essa temática é por conta da realidade de muitos estudantes, que enfrentam essas mesmas dificuldades. Com isso, busca-se encontrar respostas para entender e avaliar as práticas dos docentes em sala de aula, para identificar se são trabalhados os gêneros orais e se sim, de que forma.

Dito isto, é desenvolvido o interesse de aprender a trabalhar com oralidade e a pensar na construção do passo a passo e da sistematização do ensino desta área. Foi-se construindo uma ânsia por entender esse funcionamento, uma paixão mesmo. Levando em consideração que a professora que ministrava a disciplina, Elaine Forte, instigou-me a conhecer a área, acabei entrando no Grupo de pesquisa Oralidade, Letramentos e Ensino (ORALE/UFERSA), no qual pude aprender e muito a entender porque a oralidade ainda é tida muitas vezes como pouco importante na sala de aula.

Assim sendo, tendo visto a necessidade de ensinar e aprender como trabalhar os elementos orais, surge a disposição de buscar compreender o porquê não eram trabalhados e o que poderia ser feito para suprir essa lacuna, ou seja, essa carência no âmbito da oralidade.

Com base nessas experiências, foi possível observar, depois de uma vivência na faculdade, que possibilitou meditar que os alunos sentiam insegurança no momento de realizar atividades que se utilizavam dos gêneros orais, com isso, gerou um questionamento, por quê? De que forma os professores trabalham e avaliam a oralidade. Dito isso, a pesquisa está diretamente ligada à investigação dos meios que os professores utilizam para promover o ensino da oralidade, com isso, reflete-se sobre essa temática.

Diante disso, busca-se investigar e avaliar como professores de diversas áreas das licenciaturas sugerem trabalhar a fala pública na academia, com os seus alunos, para a atuação profissional desses futuros docentes, tendo em vista a análise de como os professores afirmam que usam a oralidade, mas como? Com quais métodos de ensino? Essas são algumas perguntas que se busca responder ao longo da análise de nossa pesquisa. Através de um *corpus* formado Forte-Ferreira (2022) em razão de seu pós-doutoramento na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), que trazem dados relacionados a como docentes de cursos de licenciatura abordam a oralidade no ensino superior.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: primeiro essa introdução, logo

após a fundamentação teórica, a metodologia, a análise de dados e a conclusão. Cada etapa desse trabalho, foi construída com o intuito de explorar sobre a oralidade e como sua ausência afeta no desenvolvimento acadêmico dos alunos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico desta pesquisa foi dividido em dois tópicos: em um primeiro momento, discutir-se sobre oralidade e seu funcionamento a partir dos pressupostos de Marcuschi (2007), tendo em vista que se vai trabalhar como a oralidade é vista e ensinada por professores da academia.

Este tópico é de extrema necessidade, pois através dele é que vai gerar toda a nossa pesquisa, sendo assim, espaço para o segundo tópico que é sobre a importância da fala pública no contexto da formação universitária. O foco em apresentar esses temas é fornecer embasamento teórico para o nosso trabalho.

2.1 ORALIDADE

Para iniciar-se a fundamentação teórica, vai-se falar sobre a oralidade a partir dos pressupostos de Marcuschi (2007, p. 40), que a define como: “Uma prática social que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais que vão desde o mais informal ao mais formal e nos mais variados contextos de uso”. Com essa afirmação, é importante destacar como estão inseridos em situações que envolvem a oralidade, pois somos seres que se comunicam, que falam, que exercem atividades no dia-a-dia e que dependem da fala, ou seja, da oralidade, como uma conversa com um amigo até a um evento mais formal, como uma apresentação de seminário.

Ainda seguindo esse pensamento, destaca-se que a oralidade também pode ser formal, ou seja, tem uma sistematização, tudo vai depender do contexto usado. Desse modo, existe uma tentativa de sistematizar o ensino da oralidade, dentro dos gêneros textuais, com a finalidade de usar situações reais nas quais os alunos estejam adaptados. Para afirmar, traz-se o conceito bakhtiniano

Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero, adivinhar-lhe o volume (a extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim [...] se não existissem os gêneros do discurso e se não dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível (Bakhtin, 2000, p. 302)

Partindo do pressuposto de que o processo de desenvolvimento da oralidade é um processo de aprendizado, algo que leva tempo para se construir, existe um caminho a ser trilhado. Assim sendo, é exigida toda uma preparação e é nesse momento que entra o papel do professor: como ele vai ensinar a oralidade? A resposta para essa pergunta é através dos gêneros orais, pois os mesmos possibilitam aos alunos novos saberes, assim o discente é inserido no contexto adequado, pois cada gênero oral tem suas particularidades e necessidades.

Seguindo esse pensamento, traz-se os elementos da oralidade como fundamentais para o processo de aprendizado do aluno, esses elementos são responsáveis por auxiliar o aluno na sua compreensão sobre oralidade. Então, servem de complemento para identificar o gênero que será trabalhado, pois como mencionado anteriormente os gêneros tem suas particularidades, como por exemplo o seminário tem como elementos orais: o ritmo da fala, a oralização, a gestualidade, entre outros.

Para Bueno (2008, p.4), na elaboração dos gêneros orais, “é preciso considerar também os meios não-lingüísticos a que se recorre na produção dos textos. São eles: - meios paralingüísticos: qualidade da voz, melodia, ritmo, risos, sussurros, respiração, etc”. Todos esses elementos contribuem para a produção do gênero solicitado, pois pressupõe todo um aparato para criar um trabalho com elementos orais e que se atente a sua elaboração desde o preparo da fala, até sua execução com os outros elementos linguísticos, com meios estéticos e movimentos cinésicos.

Ainda ligados nesse contexto de gêneros orais, explana-se a importância que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) traz a respeito do eixo da oralidade, que está operante a compreender as práticas de linguagem

[...] que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros) peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. O tratamento das práticas orais compreende. (Brasil, 2018, p. 78-79).

Como apresentado acima, são alguns exemplos de gêneros orais que podem ser trabalhados na sala de aula, com o intuito de fazer os alunos aprenderem nos mais variados contextos sociais acerca da oralidade e suas multiplicidades.

Nesse viés, para garantir que a oralidade atinja seu papel na sala de aula, afirma-se a necessidade de um planejamento, então nesse momento defende-se que o docente precisa refletir sobre suas práticas de ensino, garantindo que em suas aulas tenha espaço para oralidade, de forma que os alunos possam perceber esses usos da oralidade, nos mais variados contextos. E, quando mencionam contextos, estamos nos referindo a como os professores apresentam a oralidade para os alunos, seja por meio de gêneros como seminário, debate, entrevistas, isso cabe ao docente definir.

Ainda movidos por esse pensamento, é que se defende a necessidade de implementar ações que ajudem os professores a trabalharem com oralidade, pois o foco da pesquisa não é culpar os professores e, sim, procurar caminhos para refletir sobre o ensino da oralidade.

Como menciona Marcuschi (2007, p. 9), “O que deveria ser explicado é o escândalo da ausência, e não a estranheza da presença do trabalho com a oralidade na sala de aula, ao lado do trabalho com a escrita”. Portanto, o que se deseja é que cada vez mais se possa enxergar a importância que a oralidade tem na formação do aluno, e acabar com essa estranheza do trabalho com a oralidade visto em sala de aula.

Por isso, trabalhamos com esse pensamento de fazer com que haja um espaço apropriado para falar sobre a oralidade, seja na escola, universidade, que se torne um hábito e não uma estranheza tanto dos alunos como dos professores, é preciso discutir como esse local de reflexão pode acontecer, de que maneira a educação pode auxiliar esse grupo docente a trabalhar com os gêneros orais, ao lado da escrita, mais uma vez lembrando que a oralidade é sistematizada, ou seja, ela não é solta, tem-se todo um roteiro e um planejamento a ser seguido, assim como defende Texeira (2012, p. 242)

A comunicação oral é um comportamento verbal e somático, que circula numa esfera de comunicação e serve a objetivos definidos. O falante usa com competência a linguagem em situações informais da esfera cotidiana, é capaz de conversar, escrever mensagens carregadas de traços de oralidade nas redes sociais, dar uma informação na rua. No entanto, mesmo essas atividades já conhecidas podem passar por uma sistematização que permita ao aluno perceber as regras presentes em cada uma.

Promove-se, pois, uma reflexão sobre como é importante que esse aluno esteja situado na sua própria realidade, justamente para transformar essa ausência em estratégias de ensino que envolvam a oralidade, havendo um planejamento para ser abordada no ambiente acadêmico, não sendo simplesmente algo sem aprofundamento e sem roteiro, mas isso exige uma preparação, uma sistematização de conhecimentos para desenvolver essas práticas de ensino de gêneros orais, do mais simples ao mais complexo, pois é

necessário um planejamento.

Pensando nessa sistematização que se trata do ensino da oralidade por meio de gêneros orais, é que surge a preocupação de como são abordados esses gêneros em sala de aula. É nesse espaço que surge a formação do professor, o quão importante é a formação do docente, para que ele através de suas aulas possa formar pessoas capacitadas e preparadas para os mais variados contextos de usos da oralidade. Seguindo este pensamento trazemos as reflexões de Magalhães (2006, p. 397) que fala justamente sobre como a formação docente necessita para sua função social “para a atuação na profissão, uma vez que a construção de saberes da prática docente é multifatorial, gerada nos entrecruzamentos dos percursos individuais e institucionais no âmbito da formação e do trabalho docente.”

Analisando esses aspectos que foram mencionados, é importante frisar que o acompanhamento é essencial para a consolidação de uma boa preparação do ensino da oralidade, saber o que se quer, e principalmente de que forma vai ser avaliado. Para assim, o discente se sentir capacitado e instruído a realizar atividades que envolvam as práticas da oralidade. Pois, foi fornecido a ele todo um amparo teórico e prático dos elementos de desenvolvimento dos gêneros orais.

Seguindo essa lógica, destacamos a importância que o professor exerce dentro dessas práticas de ensino, pois é ele que vai guiar o aluno com técnicas, estratégias, métodos e esse acompanhamento é fundamental para a construção de um aluno preparado para desenvolver habilidades que envolvam a oralidade.

Nesse sentido, defendemos o âmbito acadêmico como um local apropriado para o aluno expressar suas dificuldades, seja vergonha de expressar pensamentos, medo de apresentar trabalho, a universidade é o ambiente apropriado para trabalhar esses pontos e fazer com que o aluno consiga sentir-se mais preparado para alcançar seus objetivos profissionais.

Movidos por essa ideia é que se abre um espaço para a reflexão que “[...] a escola deve promover situações em que os alunos possam falar, escutar e analisar a língua a partir de situações autênticas, como participantes de práticas sociais pela modalidade oral com vistas à socialização e ao desenvolvimento humano.” (Magalhães; Ferreira, 2019).

Refletindo sobre essa questão, é que a escola precisa enxergar o aluno como atuante da linguagem, inseri-los em situações nas quais eles possam mostrar suas capacidades socioculturais que envolvam as práticas orais, e, com isso, entramos com vários exemplos: entrevista, seminário, roda de conversa, debate e muitos outros. Esse

ensino precisa ser realizado no espaço escolar, porque é nele que o aluno vai conseguir aprender as competências necessárias para desenvolver essas atividades orais.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA FALA PÚBLICA NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA

Em um primeiro momento, destacamos a importância que a fala pública tem dentro da academia, pois é amparada a ela que os alunos irão se desenvolver nas apresentações, nos debates, seminários e discussões sobre teóricos. Acreditamos que é de extrema necessidade que os alunos sejam preparados para essas habilidades a respeito da fala pública, pois é com base nela que terão uma boa desenvoltura. Como destaca Forte-Ferreira (2014, p. 26),

Uma possível sistematização de categorias para o trabalho com a oralidade a partir de gêneros orais pode dar subsídios ao professor para que esses assuntos tenham mais eficácia. Com a inclusão das atividades para cada um dos problemas é possível compreender os mecanismos utilizados para organizar a fala, fazer-se entender pelos interlocutores nas ações que se materializam na linguagem.

Pensando nessa importância que a fala pública ocupa, é que vamos trabalhar como os estudantes podem aprender, ou aprimorar suas práticas relacionando seus conhecimentos à prática da oralidade, baseada nos gêneros orais. Com isso, para melhor visualizarmos essa prática destacamos aqui o que são os gêneros orais e como eles podem auxiliar na formação universitária. “[...] Os gêneros orais sejam produzidos e escutados em atividades autênticas, a fim de que se privilegiem as atividades de análise linguística dos gêneros orais, o que proporcionaria a ampliação dos conhecimentos de linguagem oral” (Magalhães, 2007, p.61). Ou seja, os gêneros orais auxiliam na criação de atividades autênticas, originais, tudo isso ajuda o discente a desenvolver saberes novos e ampliam suas práticas comunicativas.

Ainda estudando esse mesmo aspecto, a fala pública precisa de todo um apoio passado pelos professores, por isso é essencial que exista uma estrutura enquanto formação docente. Para isso, o professor também precisa ser instruído a usar a oralidade como fonte de ensino através dos gêneros orais, para dessa forma os alunos atingirem o objetivo que é uma boa sistematização da fala pública no universo estudantil.

METODOLOGIA

A presente metodologia tem como percurso metodológico avaliar o *corpus* da

pesquisa de Forte-Ferreira e Magalhães que é composta por um questionário de 22 perguntas entre perguntas abertas e fechadas, de forma qualitativa, ou seja, na qual se baseia em fenômenos sociais para investigação do seu objeto de estudo, que é identificar e avaliar como é trabalhada a oralidade no âmbito acadêmico e em diferentes áreas, como: Letras/Português, Pedagogia, Educação do Campo, Computação, Informática, Física e Matemática. Destacado isso, fica evidente que dentro desse processo de pesquisa segue-se todo um passo a passo para a análise de seus métodos, que é o que processo de escolher as perguntas, observar se atende ao que solicitado, investigar as respostas, saber se estão de acordo com o que é pedido.

Posteriormente, guiados por esse pensamento, o universo e a amostra dessa pesquisa se configuram na sala de aula, nas aulas de variadas áreas como por exemplo, português e matemática. Na quais busca-se por respostas acerca do ensino da oralidade dentro dos gêneros trabalhados, pois o questionário servirá de amparo para nossa coleta de dados que será realizada por meio de análises de como é empregado os gêneros orais.

Observam-se pontos como é apresentado a oralidade, quais explicações sobre a temática, como se trabalha os gêneros orais, a forma que o docente exige do aluno essa abordagem, tudo isso faz parte do processo de construção da pesquisa.

Levando em consideração que nossa pesquisa avalia a metodologia de quarenta professores de diferentes áreas do conhecimento, para ter uma maior visão de como é tratado os aspectos da oralidade, pois defendemos a importância do estudo acerca da temática.

3. ANÁLISES DE DADOS

Nesta seção, buscaremos responder e analisar três perguntas retiradas do material de estudo, o corpus da pesquisa de pós-doutoramento de Forte-Ferreira (2022). Para tanto, dividimos a análise em três partes para o melhor entendimento.

Em um primeiro momento, iremos investigar sobre como é feita a preparação do estudo dos gêneros orais, a seguir, abordaremos quais os mecanismos orais foram utilizados e para encerrar explanaremos acerca de como os cursos selecionados deveriam trabalhar a oralidade. Outro ponto importante é que destacamos quatro respostas de cada pergunta para ter um embasamento teórico.

3.1 ANÁLISE DA PERGUNTA 1

Em continuidade a nossa pesquisa, apresenta-se a primeira pergunta que é de extrema importância para averiguar como ocorre a preparação para os estudos dos gêneros orais, a fim de chegar às aplicações da oralidade. Assim, a primeira pergunta é: *“Na sua prática docente, é comum que você se utilize de uma série de textos escritos, como a lista de presença, o diário, os planos de aula, o roteiro de aula, as provas escritas, o conteúdo explanado na lousa ou nos slides etc. Pensando nisso, quais seriam os textos orais que você diria que utiliza nas suas aulas?”*

Levando em consideração que a primeira pergunta questiona quais os textos orais são trabalhados em sala de aula, passa-se a investigar de que forma são usados os gêneros orais, com o propósito de chegar à construção de uma boa prática da oralidade na universidade através dessas perguntas.

Baseado nesta pergunta, identifica-se os mecanismos usados para abordar os gêneros dentro da sala de aula, nesse sentido, o foco dessa primeira questão será averiguar que tipos de gêneros orais são utilizados na classe e com qual finalidade são passados. Identifica-se em uma das explicações selecionadas a resposta 1. *“Exposição oral, debates, discussões”*.

Com essa explicação, pode-se analisar que a resposta em si, foge um pouco do esperado, o candidato começa falando sobre exposição oral, debates e discussões, então surge um questionamento sobre a discussão o que é um gênero oral? Para fundamentar nosso questionamento, apresenta-se o pensamento de Gonçalves e Batista (2020, p. 269), para quem *“O uso de um gênero pressupõe interesses, objetivos que pertencem a uma atividade sociodiscursiva. Não se trata de produzir um texto, pura e mecanicamente, mas de agir sociodiscursivamente em um contexto definido com um objetivo determinado”*.

Pensando nesse viés, e contextualizando a resposta do participante, qual a finalidade da discussão? Tem um objetivo bem definido? O que se verifica é que faltou uma melhor preparação, e seguir verdadeiramente um gênero oral, já que defende-se que a oralidade é ensinada através dos gêneros orais, e relacionando as falas das autoras a construção de um texto, seja ele oral ou escrito precisa de socialização, interligado a um objetivo bem estruturado.

Resposta 2, nesse momento apresenta-se mais uma solução dada à questão solicitada. Seleciona-se esta, pois verifica-se que está bem elaborada e segue todo um planejamento para o que se cobra na sala de aula, referente ao ensino dos gêneros orais. *“Aulas expositivo-dialogadas, seminários e debates regrados.”*

Neste aspecto, destaca-se o debate regrado, que é um dos gêneros importantes para

trabalhar no ambiente acadêmico, pois faz com que os alunos reflitam sobre temáticas com pontos de vistas divergentes dos seus. É importante salientar alguns fatores que o debate auxilia, como argumentação, entonação, respeito ao turno de fala do colega, vai se criando um espaço de descobertas na qual os estudantes propiciam suas próprias construções de saberes sobre este gênero oral.

Prosseguindo com nossas questões, agora apresenta-se a resposta 3: *“Todos os citados na introdução da pergunta acima”*. O questionamento que se realiza é se o candidato ou candidata entendeu bem a proposta da pergunta, pois analisando detalhadamente a introdução da pergunta, cita exatamente textos de gêneros escritos e não orais, nessa perspectiva deduz-se que as aulas desse participante ele não utiliza gêneros orais para aplicações dos elementos da oralidade.

Continuando, para finalizar essa primeira etapa de perguntas, apresenta-se a resposta 4: *“Praticamente não utilizo textos orais. Apenas quando faço a leitura do texto teórico e escrito em sala de aula.”*

Analisando minimamente essa resposta, pode-se perceber que e diante de uma realidade não muito distante, na qual o próprio participante assume não utilizar gêneros orais nas suas aulas e como isso é preocupante, pois considera-se importante existir um espaço para essa discussão, qual o espaço que a oralidade ocupa na sala de aula e retornando o que já se menciona antes, esse espaço existe? Com esse questionamento, abre-se espaço para mais uma sessão de perguntas, agora com foco na preparação dos gêneros orais.

3. 2ANÁLISE DA PERGUNTA 2

Para continuar com as averiguações da pesquisa, neste momento parte-se para a segunda questão, que traz o seguinte questionamento: *“Como você prepara os teus alunos para essas produções orais?”*

Pensando nesse viés de que a oralidade precisa ser ensinada, é que se busca compreender se de fato está acontecendo essa preparação no âmbito acadêmico. Então, amparados nesse pensamento, é que realiza-se mais uma seleção de perguntas e respostas com o direcionamento para a investigação do ensino oral nas aulas de diferentes áreas, como, por exemplo, matemática e português, ressaltando que o corpus que está sendo analisado, é composto por professores de diferentes vertentes, o que abre espaço para uma análise mais aprofundada, pois nessa perspectiva tem-se um olhar mais aguçado por diferentes óticas, o que leva a entender que em todas as esferas a oralidade é importante e deve ser repassada.

Vale ressaltar que o intuito das nossas análises é averiguar se a oralidade é passada, se é tida como fundamental dentro da construção dos saberes dos alunos, guiados por esse raciocínio, é que estudar-se seu espaço dentro da faculdade. Nesta pergunta, o *corpus* teve 34 respostas, na qual foi atentado a detalhar mais atentamente em quatro, levando em consideração que todas as respostas são essenciais para a base do nosso trabalho.

Em andamento com as respostas, a resposta 1 diz o seguinte *“As produções que solicito em disciplinas possuem em geral um caráter mais informal, não tendo preparação específica. No caso de defesa de dissertação solicito a apresentação prévia da defesa e instruo o aluno a fazer vários ensaios.”*

Pode-se observar neste caso que não existe uma preparação para a realização das produções, ou seja, tudo está muito informal, de modo que não acontece um planejamento e também falta um amparo quanto a organização da fala, por exemplo.

O professor/professora menciona que instrui o aluno a realizar vários ensaios, mas em nenhum momento ele explica de que forma esse estudante deve realizar o ensaio, como o que trabalhar na sua fala, seus pontos de argumentação, entre outros fatores da apresentação. Então baseados nisso, encontra-se uma lacuna que poderia ser solucionada com um maior acompanhamento e explanação dos tópicos exigidos.

No que diz respeito essas práticas Forte-Ferreira, Santos e Noronha (2022, p. 96) enfatizam: “No que diz respeito à abordagem dos gêneros orais, eles funcionam como o meio para o ensino da oralidade e de seus elementos, para isso é necessário um planejamento pedagógico para atender às especificidades da oralidade, e não apenas trabalhar numa perspectiva comparativa com a escrita.”

Prosseguindo com as nossas discussões, neste momento explora-se resposta 2 que nos faz refletir acerca do ensino e se este ensino realmente é sistematizado e se segue um roteiro de apresentação. Vale salientar mais uma vez que o nosso foco em questão não é apontar o professor como culpado ou vilão da educação, e sim, procurar formas de identificar essas lacunas, para assim poder trabalhar com foco nas questões que ainda falta para um melhor rendimento acadêmico dos alunos quando se trata do estudo da oralização dos discentes.

Nesse ínterim, será mostrado mais uma resposta e analisado sua construção, se segue ou não um roteiro. A seguinte resposta dada pelo docente contém a consecutiva fala *“Numa aula anterior, exponho todos os elementos que serão avaliados, numa ficha de avaliação a que eles têm acesso. Não há, de fato, aulas preparatórias para isso.”*

Nesta perspectiva, não se encontra mais uma vez um projeto sobre como se deve realizar uma ação com os gêneros orais, assim sendo, nota-se que existe cada vez mais esse espaço aberto no qual se torna muito atípico trabalhar com um prévio planejamento sobre o que será cobrado em sala de aula, o que dificulta muito a aprendizagem dos alunos, pois eles não têm um norte do que é necessário para a elaboração de uma prática oral.

Para dar-se continuidade a esta pesquisa, neste momento escolhemos outra fala que pudesse dar uma nova perspectiva e motivar aos outros professores que pode sim se trabalhar com os gêneros orais em sala de aula, e além do mais que existe formas de preparar estes alunos, instiga-los e também é uma função do professor, dessa maneira segue a seguinte resposta dada por um participante do corpus: *“Preparo minhas alunas e meus alunos ensinando as estratégias e ferramentas fornecidas pela retórica, arte para uns, ciência para outros, que se constituiu na Antiguidade grega, cujo objetivo era o convencimento e a persuasão discursiva.”*

Para darmos início a essa resposta, primeiro julgamos necessário apresentar o que é a retórica e porque ela é tão importante neste processo de aprendizado dos alunos. Guiados por este mesmo pensamento, destacamos que a retórica é indispensável quando se trata de persuadir, ou se comunicar com alguém, neste sentido é que trazemos a retórica para o ensino da oralidade, pois é preciso estar seguro da sua fala, postura, posicionamento, argumentos, tudo isso baseados em uma preparação e uma sistematização de argumentação.

Para concluirmos a segunda parte das perguntas, trouxemos a seguinte abordagem dada pelo participante: *“Explico como deve ser feito a atividade. E a depender da atividade, faço oficinas onde todos/as fazem uma pré-apresentação e toda turma faz sugestões, contribuições.”*

Como última explanação, escolhemos esta pois trabalha exatamente a elaboração de atividades, tem o cuidado com as oficinas e principalmente com as pré-apresentações o que gera aos alunos segurança, ensaio, tempo para se aprimorar e obter bons resultados. Esta resposta foi muito interessante, pois aborda exatamente o que buscamos, que preciso repetir mais uma vez, planejamento, organização e sistematização.

Para finalizarmos as nossas análises trouxemos a última sugestão baseados no nosso material de estudo, que seria o que buscamos ao decorrer de todo este trabalho que é a preocupação de como este ensino da oralidade é passado aos alunos, faz-se a seguinte pergunta:

3.3 ANÁLISE DA PERGUNTA 3

“Como você acha que os cursos de licenciatura deveriam trabalhar o desenvolvimento da fala pública para as atividades acadêmicas, como aluno/a de graduação, e para a atuação profissional, no seu futuro trabalho como docente?”

Esta etapa das nossas análises é fundamental na compreensão da pesquisa, pois retomando o que foi discutido, temos em primeira instância a discussão sobre como é feita a preparação dos gêneros orais, por conseguinte quais são os gêneros orais abordados e para encerrar como os próprios participantes acreditam que a fala pública, que é o nosso objeto de estudo deveria ser tratado na graduação para que os discentes, futuros docentes pudessem ser profissionais qualificados para trabalhar com a oralidade.

Prosseguindo este trabalho, apresentamos neste espaço a primeira resposta, que aborda sobre *“Acredito que os cursos de licenciatura precisam, em primeiro lugar, entender o lugar é a importância da fala nas práticas pedagógicas de um professor e depois disso incorporar de modo sistêmico nos ppcs ações (cursos, eventos, etc.) que viabilizem o exercício da oralidade em contexto profissional (com critérios bem definidos sobre o que é a expressão oral).”*

Orientados por este pensamento é que também defendemos que a universidade precisa abrir espaço para a fala de como pedagógico, entender a importância que ela tem na formação dos estudantes, e prepará-los para vivenciar isso em contextos sociais, pois o curso em si, precisa dar esse ponto inicial, trazendo para uma realidade minha, foi o curso quando ofertou a disciplina de oralidade e letramento que possibilitou-me explorar essa temática na elaboração da conclusão do curso, de perceber como é importante o aluno se posicionar, e saber como se trabalha diferentes áreas

Dirigidos por essa questão é que buscamos essa inserção desde o início do curso, e não apenas como um adereço na formação do futuro profissional. Assim, preocupados com essa questão é que compartilhamos com este participante quando ele destaca que as atividades orais precisam ser presentes muito cedo, para que esses alunos tenham uma noção do que é o emprego dessa fala, desta sistematização e *“Estimulando e promovendo a participação dos aluno(a)s em atividades orais desde o início do curso.”*

Levados a estas reflexões é que mencionamos o quão fundamental é o emprego da oralização na educação, nosso foco é no ensino universitário, mas acreditamos que é preciso todo um aparato para se trabalhar com a oralidade, então vamos nos detalhar a essa solução sugerida por um dos participantes. *“Com certeza. Os alunos da graduação sentem, de modo geral, muitas dificuldades em manejarem a fala pública nas atividades*

acadêmicas. Isso pode explicar porque muitos alunos não interagem com o docente no decorrer das aulas. Estou orientando um TCC no qual a discente relata que, durante toda a sua passagem pela educação básica, teve sua fala constantemente cerceada pelos/as professores/as, porque, segundo estes, ela não saberia falar "corretamente".”

Diante disso, a discente relata que teve diversas dificuldades em se expressar oralmente no decorrer do curso de Letras/Português e, mesmo no término do curso, ainda se sente aflita, quando é instada a falar em público. A menção a este breve relato evidencia como práticas de preconceito linguístico em relação à oralidade podem gerar sofrimentos e traumas. Em suma, precisamos desenvolver nos alunos essa capacidade de refletir sobre a oralidade, para que eles não reproduzam comportamentos pedagogicamente inaceitáveis em sua atuação docente.” Esta fala é pontual e precisa, pois destaca a realidade de muitos estudantes, não só do curso de Letras/Português, mas como de demais áreas, o medo de errar, por ser constantemente corrigido quando não se sabe como abordar sua fala em determinados momentos.

O que ressaltamos é que a fala não é desarticulada, ela também precisa se adequar aos contextos sociais, levando em consideração o ambiente que os estudantes estão inseridos, assim, defendemos que se houver essas aulas mais introdutórias sobre os planejamentos dos gêneros orais, esse bloqueio dos alunos em falar em público pode ser diminuído, pois eles se sentirão mais preparados para exercer atividades de gêneros orais, como é o caso do seminário.

Dessa forma, competem aos professores à responsabilidade de preparar os alunos para realizar as diferentes competências linguístico-discursivas dentro e fora da sala de aula, competências para resolver problemas em situações adequadas em diferentes práticas que utilizam a escrita e a oralidade nas variadas situações comunicativas, inserindo-as nas diversas esferas de interação verbal.

Lançados a compreender os saberes da oralidade como um meio de ensino para aproximar os alunos a uma realidade mais idealizada, é que relatamos e concluímos explorar mais o lado cultural dos alunos, tornando-os autores dos seus próprios trabalhos, como a resposta cita através de músicas, arte, atividades que exercite o lado criativo dos discentes, para que assim eles se sintam instigados a conhecer e se planejar melhor formas de trabalhar seus anseios em falar em público, por exemplo: “Através de atividades planejadas, considerando os conteúdos da área, provocar os estudantes a emitirem seus pontos de vista; também através dos seminários e, ainda, através das artes, no meu caso no início das aulas: poemas, músicas, contos, desenhos”.

Nesta resposta, conseguimos analisar como o professor é preocupado em buscar trabalhar a criatividade dos seus alunos, explorar seu lado mais artístico, para assim identificar e poder trabalhar e adequar os gêneros as realidades dos alunos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo almejou, por meio das análises de três perguntas do *corpus* de Forte-Ferreira (2022), obter respostas sobre o ensino da oralidade no âmbito universitário, como de fato a fala pública é trabalhada com esse público. Assim, seguindo este pensamento, obtivemos resultados importantes para o andamento desta pesquisa. Em síntese, este estudo foi realizado visando entender esse processo de ensino, pois consideramos sua relevância para com o contexto social dos discentes indispensável.

Nesse sentido, amparados os estudos de Marcuschi (2001), desenvolvemos a nossa pesquisa, defendendo que, para se aplicar um estudo de gêneros orais, é necessário capacitar os alunos para este momento.

Coletamos os dados do *corpus* e identificamos as seguintes observações: na primeira questão, quando selecionamos as perguntas que íamos nos detalhar, observamos que alguns professores tiveram dificuldade em entender o que pedia a questão, ou em contrapartida não trabalha os gêneros orais em suas aulas, faltando como já citado anteriormente sua sistematização e adequação ao gênero proposto. Somente um professor se adequa ao contexto solicitado e explora de forma satisfatória o assunto.

Destacado isto, é que apresentamos qual é esse contexto solicitado, que é um ambiente com aulas dialogadas, seminários e debates regrados e o quão fundamental abordar essas práticas orais, pois isso beneficiará diretamente os alunos a desenvolverem sua oralidade, em um espaço sistematizado, adequado e preparado para instruí-los às práticas orais, fundamentados em uma construção contínua e aprofundada nos pensamentos de Marcuschi (2001).

Explanado essa etapa, partimos para a averiguação da segunda questão, a qual escolhemos por se tratar de uma pergunta que provoca uma reflexão sobre a conduta do próprio professor em relação a como se pede os trabalhos com a oralidade, faz-se uma abertura de meios para este professor/professora explicar suas habilidades orais, apresentar aos alunos como eles esperam o trabalho com os gêneros orais, quando propomos esta questão é isso que esperamos encontrar, formas de desenvolver atividades voltadas para a oralidade, mas assim como houve uma quebra de continuidade da questão

um, nestas análises também obtive, na realidade uma possível lacuna preenchida pela primeira resposta.

Nesta segunda pergunta, identificamos que não se tem uma preparação adequada para os alunos explorar o que já foi pedido anteriormente, o que se tem é uma maneira bastante comum de trabalhar com a oralidade, ou melhor se adequando com a ausência dela, sentimos falta dos entrevistados explorarem mais esse lado criativo dos alunos e de também aprimorar os saberes dos estudantes e para finalizarmos a nossa última questão de análise selecionamos a seguinte pergunta como os professores acreditam que devem ser passados o ensino da fala pública na universidade para os futuros professores.

Esta pergunta tem um reflexo muito importante no que foi estudado nas outras questões, pois destaca a importância que a fala pública vai ocupar no espaço acadêmico, e de como estes professores/professoras acreditam que devem ser ensinados, provocando uma reflexão sobre fundamental que implicará propriamente na vida dos futuros docentes. Sendo assim, obtivemos respostas satisfatórias que reconhecem a importância que a oralidade precisa ter nesse espaço social, de como é fundamental explorar isso desde o começo do curso, para que esses alunos passem pela adaptação do curso preparados para discutir, apresentar um debate, um seminário como vários outros gêneros orais.

Ademais, os achados dessa pesquisa têm como foco o impacto social que isso vai causar, pois abrirá espaço para alunos cada vez mais instruídos, desenvolvidos, e capacitados para trabalhar com saberes tão importantes como é a oralidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BUENO, Luzia. **Gêneros orais: elementos linguísticos e não linguísticos**. Itatiba – Sp: atuando no Programa de Mestrado em Educação e nos cursos de Letras e Pedagogia de 2008.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard; HALLER, Sylvie. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. (Org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução Roxane Rojo; Glaís Sales Cordeiro. 2. ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2010. p. 125-155.

FERREIRA, E. C. F. **A oralidade como objeto de ensino: por uma perspectiva de desenvolvimento da língua oral a partir do gênero debate**. 2014. 226 f. Tese (Doutorado em linguística)

FORTE-FERREIRA, Elaine Cristina; SANTOS, Rosângela Ívina Araújo dos; NORONHA, Leiliane Aquino. Formação docente e o ensino da oralidade: entre concepções e práticas em sala de aula, **Interfaces**, 2022.

GONÇALVES, Ana Cecilia; BATISTA, J. F. A oralidade em sala de aula: reflexões sobre o trabalho com gêneros orais presentes em materiais didáticos do ensino fundamental. **Letras**, Santa Maria, n. 01, p. 261-283, 2020.

MAGALHÃES, Tânia Guedes *et al.* Um decálogo para a inserção da oralidade na formação docente. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 26, n. 1, p. 384-413, 2022.

MARCUSCHI, L. A. Oralidade e Letramentos como práticas sociais. *In*: MARCUSCHI, L. A.; DIONISIO, A. P. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, p. 31-56.

MARCUSCHI, L.A. **Da fala para a escrita – atividade de retextualização**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

TEIXEIRA, Lucia. Gêneros orais na escola/Oral Genres in School.